

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

MINI-CURSOS

EDUCAÇÃO ESTÉTICA: A PERSPECTIVA DE L. VIGOTSKI

Área Temática: Formação do Educador

ALEX MOREIRA CARVALHO; PRISCILA NASCIMENTO MARQUES – UNIVERDADE DE SÃO PAULO

Vigotski foi um psicólogo atento à questão do reducionismo psicológico. Com efeito, em *Psicologia da arte* (2001), assim como já o havia feito, de um modo menos explícito, em *A tragédia de Hamlet, o príncipe da Dinamarca* (1999), reconhece a insuficiência das explicações psicológicas da arte formuladas no fim do século XIX e início do século XX e, ao mesmo tempo, a necessidade, considerada a questão do sujeito, de uma elaboração de uma psicologia da arte que abarque a especificidade do fenômeno estético. Analisaremos nesse mini-curso suas contribuições teórico-metodológicas tais como aparecem nessas obras e no texto “Educação estética”, publicado no livro *Psicologia Pedagógica* (2004). Na verdade, o autor russo propõe, nesses trabalhos, um programa, que deveria ser devidamente testado, para a investigação do que chamou de reação estética. O importante é que Vigotski se propõe a fazer um exercício pelo qual sua concepção da arte como técnica social dos sentimentos, da reação estética como catarse e do método apresentado em função desses pressupostos – o método analítico-objetivo – possam ser avaliados. Assim, o objetivo que aqui se pretende atingir está relacionado às questões teóricas que, como sabemos, sempre embasam as práticas educacionais. Em outras palavras, Vigotski assume e responde duas questões inevitáveis tanto quando se fala de arte como de psicologia: o que se entende por sujeito e por arte e quais as possíveis relações entre os dois?

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO DA INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA

Área Temática: Educação e Direitos Humanos

ADRIANO HENRIQUE NUERNBERG

Financiador: UFSC

A psicologia no Brasil tem acompanhado as mudanças nas políticas públicas de atenção à pessoa com deficiência, sobretudo aquelas propostas no final do século XX, voltadas à promover a integração e, mais recentemente, a inclusão desse grupo social. Nesse sentido, serão abordados nesse mini-curso diferentes repercussões destas políticas na prática dos psicólogos, destacando aquelas que incidiram sobre os procedimentos de avaliação e intervenção psicológica. Ampliando o debate, serão enfocados desafios para a psicologia diante do novo panorama que se apresenta no mundo contemporâneo, com o aumento da preocupação em se combater as barreiras atitudinais que comprometem a qualidade de vida de pessoas com deficiência, marcadas por preconceitos, estereótipos e estigmas que precisam ser enfrentados. Especial atenção será dada sobre o impacto destas políticas na atuação do psicólogo escolar/educacional. Para tanto, com base em documentos internacionais e estudos científicos, serão elencadas questões centrais para que a psicologia assumira seu papel na construção de uma efetiva inclusão escolar, considerando a perspectiva institucional de atuação deste profissional e a ampliação do conceito de inclusão à luz do princípio de diversidade humana e dos direitos humanos

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

LEITURA, INDIVIDUAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Área Temática: Leitura/Escrita

LUCIANA DADICO- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Financiador: CNPQ – CONSELHO NACIONAL DE PESQUISA

O ser humano se distingue dos objetos e demais seres da natureza quando os nomeia. Relaciona-se com os demais não através da linguagem, mas nela mesma; a essência do homem entrelaça-se à palavra. A linguagem humana se modifica ao longo de toda vida humana, continuamente aprendemos, esquecemos e recriamos nomes. Contudo, a concepção burguesa de linguagem introduz uma separação entre conteúdos transmitidos, por meio da palavra, e destinatários da mensagem. O estudo da língua e o estudo do homem passam a pertencer a diferentes áreas do conhecimento. A Psicologia, com maior ou menor ênfase a partir das diversas teorias do desenvolvimento, se dedicará ao estudo das interrelações entre linguagem, organismo, meio ambiente e história cultural. Se a escrita forneceu novo instrumento ao homem para ampliar sua capacidade mnemônica, alargar o tempo da reflexão e objetivar a palavra, por outro lado contribuiu para o declínio da experiência, a palavra perde seu valor aurático. Institui-se uma separação entre aquele que escreve e aquele que lê, e os nomes passam a comportar diferentes sentidos para escritor e leitor, progressivamente maiores a depender da natureza do texto, e da distância física e temporal entre eles. Circunscrita social e culturalmente, como a leitura se processa então atualmente, e nos grupos sociais aos quais pertencemos? É possível apreender um texto em sua totalidade? Podemos denominar sujeito o escritor ou o leitor? Intenciona-se com este curso efetuar uma re-aproximação entre filologia, crítica literária, teoria estética, sociologia da arte e teorias psicológicas do desenvolvimento, buscando caracterizar e distinguir os modos como se lê. Intenciona-se, por fim, refletir sobre o modo como procedemos diante do texto, profissionais que temos na leitura um dos nossos mais importantes instrumentos de trabalho, e as possíveis contribuições da Psicologia para o estudo do texto e do ato de ler.

O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL: A BUSCA POR UMA CONCEPÇÃO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO INTEGRAL

Área Temática: Desenvolvimento Humano

JANAINA CASSIANO SILVA; VANESSA CRISTINA ALVARENGA – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – CAMPUS ARARAQUARA

A Psicologia Histórico-Cultural surgiu no início do século XX na ex-União Soviética (URSS), no contexto da Rússia pós-revolucionária. Esta corrente tem como principais referências Liev Semiónovich Vygotsky (1896-1934), Alexis Nikoláevich Leontiev (1903-1979) e Alexander Románovich Luria (1902-1977), que junto com representantes como Daniil Borisovich. Elkonin (1904-1984); Vasili Vasílievich Davidov (1930-1998); Alexandr Vladimirovich Zaporozhets (1905-1981); Piotr Iakovlevich Galperin (1902-1988) e Lidia Ilínichna Bozhovich (1908-1981) compõem a chamada Escola de Vigotski. Essa corrente teórica, alicerçada nos pressupostos do materialismo histórico dialético enxerga a sociedade como aquilo que cria o próprio ser humano e não como algo externo ao indivíduo ou como uma força estranha à qual o indivíduo deve adaptar-se. Buscaremos neste mini-curso trabalhar com o desenvolvimento infantil, de zero a três anos, para essa perspectiva. As crianças de diferentes idades têm diferenças qualitativas profundas. Segundo Elkonin (1969), elas se interessam, pensam, sentem, atuam e se relacionam com a realidade de modos distintos. Vigotski, Leontiev e Elkonin concebiam o desenvolvimento infantil como fenômeno histórico e dialético, que não é determinado por leis naturais universais, porém encontra-se intimamente ligado às condições objetivas da organização social. Ademais não se desenvolve de forma meramente linear, progressiva e evolutiva, mas compreende saltos qualitativos, involuções e rupturas. Desta forma, estudar o desenvolvimento infantil significa “[...] estudar a passagem da criança de um período evolutivo a outro e a mudança de sua personalidade dentro de cada período evolutivo que tem lugar em condições histórico-sociais concretas” (ELKONIN, 1987, p. 106). Segundo Leontiev (1987), a criança no curso de seu desenvolvimento penetra ativamente no mundo

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

das relações humanas que a rodeia, assimilando as funções sociais das pessoas, as normas e regras de comportamento socialmente elaboradas.

O ANO DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO: BALANÇO, REFLEXÕES E DIRETRIZES

Área Temática: Formação do Psicólogo Escolar/Educacional

MÔNICA F. B. CORREIA

Esta proposta visa realizar breve balanço da Psicologia Escolar aproveitando o fechamento do ano eleito para pensar a psicologia em espaços educacionais. Envolverá reflexões sobre o que a literatura tem colocado como premissas para atuação legítima e seus desdobramentos; sobre diferentes resultados de pesquisas, em escolas públicas e particulares, com os diversos profissionais e estudantes que ali atuam, tendo como meta a construção de um perfil de atuação do(a) psicólogo(a) escolar educacional (PEE), especialmente nas regiões norte e nordeste; e ainda reflexões sobre as diretrizes para esta atuação construídas no seminário nacional de fechamento do ano da psicologia na educação, em Brasília, do qual a proponente participou ativamente. Essas análises apontarão caminhos para uma atuação relevante no cenário educacional. Tal procedimento justifica-se pela necessidade de instigarmos reflexos desejáveis na atuação do(a) PEE. Os objetivos serão alcançados através da identificação dos papéis assumidos pelo psicólogo no cenário escolar ao longo do tempo; por exemplo, “aplicador de testes”, “engenheiro humano”, que levaram a criação de estigmas ou endossaram injustiças sociais; “figura de marketing”, entre outros; da demonstração de conhecimentos fundamentais para a prática do(a) PEE; além da análise das diretrizes do seminário nacional. Pressupostos teóricos encontrados em documentos e discursos educacionais serão priorizados, a exemplo daqueles fundamentados em estudiosos como Piaget, Vygotsky e Wallon. Será possível perceber que o resgate do prazer em aprender deve ser, ao menos neste contexto histórico, a principal função deste profissional no cenário escolar. Este resgate passa necessariamente pela relação construída com o conhecimento; e a postura dos personagens envolvidos torna-se essencial nesta relação. Buscaremos instigar um fazer comprometido e nortear a construção de conhecimentos que subsidiam transformações expressivas – contribuindo para mudanças efetivas na relação de estudantes e mesmo de docentes com a construção do saber e para o fortalecimento da atuação do(a) PEE.

COMO PREPARAR UM ARTIGO CIENTÍFICO

MARIA IMACULADA CARDOSO SAMPAIO; APARECIDA ANGÉLICA PAULOVIC SABADINI-UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Formado de partes distintas, o artigo científico, compõe o corpo da revista científica. São considerados elementos pré-textuais do artigo: autores, título e subtítulo, resumo e palavras-chave na língua do original e em língua estrangeira. Os elementos textuais são a parte do artigo onde a matéria é exposta e desenvolvida e podem ser resumidos em introdução, onde é feita a apresentação das idéias, a revisão da literatura, o que o trabalho acrescenta de novo e os objetivos da contribuição. No desenvolvimento são apresentados o método utilizado na pesquisa, os resultados, a discussão sobre os dados encontrados e a conclusão, ou considerações finais. O pós-texto é formado pelas referências normalizadas, anexos, e outros dados que complementam o artigo. Antes de enviar o manuscrito para publicação o autor deve consultar as normas editoriais da revista para aprender sobre os tipos de contribuições e as normas editoriais que deverá utilizar na composição do texto. Tanto a autoria como a co-autoria possuem responsabilidades legais e os responsáveis devem conhecer seus deveres e direitos. Selecionar uma revista de qualidade para submeter seu trabalho é outro procedimento que o autor precisa conhecer. O mérito de uma revista científica é determinado pelo valor das contribuições ali publicadas e a seriedade com que as informações são organizadas, principalmente em relação à metodologia aplicada na investigação científica. O conhecimento de regras e normas facilita a composição do artigo e é um aliado do autor que, na era atual, sofre pressão por publicar um grande número de artigos que possuem alto impacto na avaliação acadêmica, científica e profissional.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

MARTIN BUBER E A EDUCAÇÃO

Área Temática: Formação do Educador

GIZELE GERALDA PARREIRA ELIAS

Financiador: INSTITUTO APHONSIANO DE ENSINO SUPERIOR – GOIÁS

A construção da existência do homem reúne fragmentos importantes na elaboração de sua história e acontece nas interações com o outro, no meio onde concretiza suas relações. Isso suscita um respaldo, no que diz respeito às formas de comunicação entre as pessoas e abre caminho para uma dimensão estritamente humana, o diálogo. É a partir dele que o ser conquista o reconhecimento da sua singularidade. Entendendo a Educação como um contexto inter-relacional de significativa importância em todo este processo, o objetivo deste trabalho é tecer uma reflexão sistematizada sobre a filosofia do encontro de Martin Buber, analisando as possibilidades de uma articulação entre seus pressupostos teóricos e as questões que envolvem o ensinar e o aprender. Para Buber, a relação de maior valor existencial entre as pessoas é o encontro dialógico, a relação inter-humana em que a invocação encontra sua verdadeira e plena resposta. Sua filosofia do encontro propõe ao homem uma existência fundada no diálogo, sobressaindo o sentido profundo da categoria do entre. Na perspectiva buberiana o Eu não é uma realidade em si, mas sim, relacional. Não se pode falar no Eu sem o mundo. Em Buber, para auxiliar a realização das melhores possibilidades existenciais do aluno, o professor deve considerar seu discípulo como alguém determinado em sua potencialidade, mais explicitamente, ele não deve ver nele uma simples soma de qualidades, tendências e obstáculos, ele deve compreendê-lo como uma totalidade e confirmá-lo por meio do diálogo, o qual poderá abolir obstáculos a favor do encontro na relação ensino-aprendizagem.

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO ESCOLAR EM UMA PERSPECTIVA CRÍTICA: A ESCUTA DE ALUNOS COMO FOCO DE INTERVENÇÃO

Área Temática: Formação do Psicólogo Escolar/Educacional

ANA KARINA AMORIM CHECCHIA; LYGIA DE SOUZA VIÉGAS – FACULDADE SÃO BENTO DA BAHIA

Este mini-curso aborda a escuta de alunos na atuação de psicólogos escolares em uma perspectiva crítica. Para tanto, contextualiza a abordagem crítica em psicologia escolar, que, ancorada nos princípios do materialismo histórico dialético, privilegia a análise das raízes dos fenômenos escolares, em oposição à sua naturalização. Assim, reconhece a complexidade de fatores implicados no processo educacional, atentando para suas dimensões histórica, política, social, institucional, pedagógica e psicológica. Dentre os elementos que compõem a atuação do psicólogo escolar nesta perspectiva, destaca-se a importância de ouvir detidamente aqueles que constroem a vida diária escolar, sendo especial atenção dada aos alunos de escolas públicas (sobretudo em um país intensamente ancorado na desigualdade social). Trata-se de um enfoque tradicionalmente negligenciado pela psicologia, em que se predomina a produção acadêmica de autores que pouco se dedicam à escuta dos participantes do contexto escolar, sendo particularmente escassa a perspectiva discente em suas análises e interpretações. Além disso, muitas vezes as falas de alunos e familiares são interpretadas de forma psicologizante, desconsiderando-se a complexidade envolvida na construção do que pensam e dizem acerca de sua experiência escolar. Partindo dessas considerações, serão apresentadas propostas de atuação em psicologia escolar em uma perspectiva crítica cujo foco é a escuta de alunos, enfatizando seus aspectos teóricos e metodológicos, com base em trabalhos de importantes autores da psicologia escolar nesta abordagem, bem como em nossa experiência na área. Assim, não apenas serão explicitados procedimentos de aproximação da fala de alunos, ou seja, o ato mesmo de ouvir, mas também modalidades de escuta crítica dessas falas, ou seja, formas de analisar o que os alunos dizem, considerando o contexto mais amplo em que elas se pronunciam. Para ilustrar, serão apresentadas falas de crianças e adolescentes, bem como possibilidades de escuta (ou seja, análise) crítica, que levam em consideração a realidade educacional brasileira.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

ESPAÇOS POTENCIAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL PARA DESENVOLVER PARTICIPAÇÃO, AUTOGESTÃO E AUTONOMIA

Área Temática: Ensino Fundamental

MARIA FERNANDA S. HENNEMANN

Esta proposta de mini-curso tem como objetivo trabalhar com as concepções e práticas que envolvem a participação, a autonomia e a autogestão no cotidiano dos alunos da primeira à quarta séries do ensino fundamental. A articulação teórica ocorrerá entre autores clássicos, tais como Dewey, Freinet, Freire e Piaget e autores contemporâneos como Bauman, Moraes, Puig e Enguita. O conceito central de espaço potencial apóia-se em Winnicott. Inicialmente será apresentada uma pesquisa cujos dados foram coletados por meio de observações, entrevistas semi-estruturadas e desenhos, onde foram entrevistados 63 membros da comunidade escolar: professoras, diretoras, mães, pais, alunos, alunas, funcionárias e psicólogas escolares. Posteriormente, problematizarei as seguintes categorias temáticas: proposta pedagógica, espaços participativos, espaços de autogestão, desafios na inclusão, participação dos pais e trabalho da psicologia na escola. Assim como discutiremos o papel da escola como espaço fértil para refletir e criar condições para uma convivência mais solidária entre os alunos. Desta maneira, ao constituir-se como uma instituição educativa em movimento, a escola pode buscar sustentação face à sociedade competitiva e pós-moderna em que nos encontramos.

CONSTRUINDO RECURSOS PARA INTERVENÇÃO EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Área Temática: Orientação Profissional

CARMEN LÚCIA REIS

Em um contexto específico de formação na área da Psicologia Escolar e Educacional entendemos a figura do orientador profissional como uma peça chave que auxilia o jovem que escolhe a conciliar seus desejos pessoais com a sua satisfação profissional. Diante do cenário atual, marcado pelas inovações tecnológicas que transformam constantemente as atribuições e ocupações profissionais, percebemos a necessidade de criar ferramentas para intervenção que pudessem promover discussões mais abrangentes e possibilitassem diferentes olhares sobre si mesmo e sobre o mundo do trabalho. Nossa proposta é compartilhar reflexões sobre o papel do orientador profissional que nos convidaram a pensar e elaborar recursos e ações como, as “cartas reflexivas”, “Momentos Culturais” e “Jogos”, construídas juntamente com um grupo de estagiários que participam do estágio em Orientação Profissional realizado com grupos de estudantes de um curso pré vestibular alternativo e nos atendimentos individuais desenvolvidos na Clínica Psicológica da Universidade Federal de Uberlândia – MG. O uso de tais recursos mostrou-se eficaz para se trabalhar medos, receios relacionados à escolha de uma profissão e, ao mesmo tempo, auxiliou na descoberta de recurso, de potencialidades e na criação de novos sentidos sobre questões relacionadas ao vestibular e a preparação do jovem para o ingresso no Ensino Superior.

OS CADERNOS ESCOLARES COMO FERRAMENTA NO ATENDIMENTO À QUEIXA ESCOLAR

Área Temática: Pesquisa em Psicologia Escolar/Educacional

ANABELA ALMEIDA COSTA E SANTOS- UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Os cadernos são objetos fundamentais no contexto escolar, servindo de suporte para o aprendizado e registro de atividades. Recorrentes em todas as etapas de ensino, são tão comuns nos espaços escolares que sua presença e utilização pouco tem sido discutida e tematizada. Ao longo do ano letivo, tornam-se cenário para muitas das relações que se dão na escola e materializam aspectos importantes da inserção do aluno na cultura escolar. Para os psicólogos que trabalham com questões escolares, seja na clínica ou em instituições de ensino, os cadernos podem ser importantes fontes de informações sobre o processo ensino-aprendizagem, as relações e situações vivenciadas na escola. Mas como compreender as informações que são oferecidas por esses materiais? Como atribuir significados aos registros escolares a partir de um referencial psicológico? Este mini-curso, embasado nas contribuições teóricas da Psicologia Escolar Crítica e resultante de pesquisas desenvolvidas na primeira etapa do Ensino Fundamental, propõe-se a apresentar uma proposta de olhar e compreensão dos registros produzidos na escola. Considera-se que muito mais do que serem

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

materiais repletos de respostas a respeito da criança e de sua situação escolar, os cadernos podem ser importantes desencadeadores de perguntas. São, portanto, instrumentos que podem auxiliar na compreensão da queixa escolar, mediando conversas com crianças, pais e professores, além de possibilitarem a compreensão de aspectos da vivência escolar e abrirem possibilidades de intervenção no sentido de superação de dificuldades no processo de ensino-aprendizagem.

IDENTIFICAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE ESTUDANTES TALENTOSOS

Área Temática: Necessidades Educacionais Especiais/Inclusão

*ALTEMIR JOSÉ GONÇALVES BARBOSA; CARLOS EDUARDO DE SOUZA PEREIRA –
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA; FERNANDA DO CARMO GONÇALVES –
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA*

O mini-curso tem como objetivo apresentar aos participantes uma proposta de identificação e desenvolvimento de estudantes talentosos que tem como características fundamentais: 1) a busca ativa em sala de aula pelos estudantes mais capazes; 2) a participação dos docentes; 3) a identificação baseada em múltiplos critérios, envolvendo múltiplos tipos de informação (habilidades cognitivas, desempenho acadêmico e em outros contextos, interesses, estilos de aprendizagem, criatividade etc.), múltiplas fontes de informação (testes, nomeação por pais e pares, auto-designação etc.) e múltiplos momentos de avaliação; 4) o desenvolvimento integral dos alunos; 5) a parceria com a comunidade; 6) o estabelecimento de salas de aula inclusivas, capazes de acolher e promover o sucesso de todos os alunos; e 7) um continuum entre identificação e desenvolvimento.

ORIENTAÇÃO À QUEIXA ESCOLAR: UMA PROPOSTA CRÍTICA DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO A CRIANÇAS E JOVENS EM DIFICULDADES NA ESCOLARIZAÇÃO

Área Temática: Ensino Fundamental

BEATRIZ DE PAULA SOUZA – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Nos cursos de Psicologia, tem sido freqüente a dicotomização entre os processos envolvidos na constituição da singularidade, de um lado, e os processos de socialização, de outro. Assim, no atendimento às queixas escolares verificamos que, nas clínicas, geralmente as práticas embasam-se em uma concepção de indivíduo que desconsidera sua constituição no bojo de grupos e instituições, em um tempo social determinado. A participação da escola e seu funcionamento cotidiano na construção destas queixas é reiteradamente desconsiderada. De modo semelhante, quando das intervenções institucionais, as dimensões singulares dessas queixas são comumente relegadas a um segundo plano, temendo-se o superdimensionamento dos aspectos individuais em detrimento dos institucionais. Procurando caminhos para a superação desta dicotomia, será apresentada a Orientação à Queixa Escolar. Trata-se de uma modalidade breve e focal de atendimento psicológico a crianças e jovens que enfrentam dificuldades em seu processo de escolarização, desenvolvida no Instituto de Psicologia da USP. Orienta-se por um referencial dialético de compreensão e intervenção em queixas escolares, a partir de demandas individuais. Realiza-se o atendimento de todos os principais envolvidos na produção e manutenção da queixa -geralmente, criança/adolescente, pais e escola. No encontro das diferentes versões surgidas, a queixa é historicizada e problematizada e novos olhares são construídos. Considera-se as diversas dimensões da mesma e suas mútuas determinações, do sofrimento individual aos atravessamentos institucionais e sociais. Pensar o cotidiano da sala de aula tem-se revelado fundamental, assim como o resgate da potência de cada um dos implicados. Perguntas e instrumentos próprios tem sido desenvolvidos. O presente mini-curso pretende apresentar essa modalidade de atendimento, localizada na fronteira entre a Psicologia Clínica e a Escolar/Educacional. As práticas hegemônicas são analisadas e desconstruídas, a partir do desvelamento de seu caráter individualizante e acrítico. A Orientação à Queixa Escolar será apresentada em seus pressupostos teórico-práticos essenciais. A medicalização da Educação merecerá um destaque especial, dado seu notável crescimento recente no âmbito das abordagens às queixas escolares. A relação entre a busca de modalidades de atendimentos psicológicos que considerem os determinantes sociais, institucionais e históricos das demandas pelos mesmos, na investigação e na intervenção, e o compromisso social da Psicologia constitui a costura final desse mini-curso.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

ESTILOS EDUCATIVOS NA FAMÍLIA E NA ESCOLA

Área Temática: Prevenção

*MARIA JULIA FERREIRA XAVIER RIBEIRO; ELVIRA APARECIDA SIMÕES DE ARAUJO –
UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ*

Estilos educativos consistem em estratégias e técnicas utilizadas pelos adultos na educação de crianças e adolescentes, configurando-se em formas de relação que acontecem na família de origem e na escola, e representam os mais fortes determinantes na constituição do indivíduo. Uma tarefa relevante para o psicólogo escolar consiste na identificação dos estilos educativos e no apoio aos adultos para a formação de um repertório de práticas que favoreça o desenvolvimento da criança e do adolescente. O conteúdo versará sobre Conceito de estilos educativos, Identificação de estilo educativo de pais e professores e Apoio positivo às práticas educativas de pais e professores. Serão enfatizados os recursos desenvolvidos por autores brasileiros, como o Inventário de Estilo Parental de Gomide, e a proposta de intervenção de L. Weber.

PROCESSOS EDUCATIVOS ATRAVÉS DO TEATRO

Área Temática: Educação Informal

ROBSON JESUS RUSCHE; SONIA SILVA RUSCHE – PREFEITURA MUNICIPAL DE GUARULHOS

O teatro representa uma possibilidade metodológica diversificada que precisa ser explorada pelos educadores de todos os níveis, ampliando suas possibilidades educacionais. Essas manifestações representam um momento de revelação e participação efetiva da criança em seu processo educativo, desenvolvendo a autonomia e a descoberta dos sentidos e das possibilidades significativas e expressivas da aprendizagem. As expressões da cultura e das potencialidades da criança, propiciadas pela experiência dramática e pela improvisação teatral, representam uma possibilidade significativa de ampliação dos contatos: educador e criança, criança e criança e, dessa forma, de transformação dos vínculos afetivos, reconhecimento das diferenças, acolhimento das expressões culturais, modificação da compreensão dos Tempos e da Organização dos espaços escolares. Os educadores, através dessa metodologia, podem encontrar novas formas de lidar com os conteúdos, ampliando o seu conhecimento sobre as formas de pensar e de agir da criança, humanizando assim a relação professor-aluno. O teatro modifica os espaços e transforma as relações com o tempo na instituição escolar, propiciando interações afetivas, prazerosas e criativas. ETAPAS: JOGOS DE AQUECIMENTO E SENSIBILIZAÇÃO, JOGOS DRAMÁTICOS E MONTAGEM DE CENAS.

HISTÓRIAS INFANTIS COMO RECURSO PARA A INCLUSÃO ESCOLAR

Área Temática: Necessidades Educacionais Especiais/Inclusão

ITALE LUCIANE CERICATO; LUCIA GHIRINGHELLO – UNIVERSIDADE PAULISTA

Tendo em vista a inclusão de crianças com deficiência nas escolas de ensino regular proposta pela LDB 9.394/96 e que abre um campo de atuação e trabalho para o psicólogo escolar, este curso tem por objetivo discutir os preconceitos, estereótipos e estigmas presentes na literatura infanto-juvenil a respeito da deficiência. O curso propõe a articulação entre arte, no caso a literatura, e a psicologia, salientando a mensagem implícita existente nestas obras como instrumento privilegiado para a formação de valores e normas que podem contribuir para corroborar as atitudes, os preconceitos e os estigmas existentes em relação às pessoas com deficiência. Serão incentivadas as reflexões acerca dos mecanismos de defesa psicológicos presentes na relação com o diferente, utilizando como recurso alguns clássicos da literatura infanto-juvenil. A atividade será realizada em dois momentos: uma discussão teórica e outra vivencial através da análise e discussão de histórias previamente selecionadas. Como referencial teórico a proposta está embasada nos estudos de Lígia Amaral (1991) e nos preceitos da psicologia sócio-histórica que compreende o desenvolvimento do homem articulado com suas condições históricas, culturais e sociais. Ao final, espera-se que o profissional da psicologia, inserido na atuação escolar junto a pessoas com deficiência, disponha de um recurso de trabalho que possibilite uma reflexão sobre o processo inclusão/exclusão. Além disso, o curso busca facilitar ao profissional da psicologia uma estratégia para oferecer um suporte que integre

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

alunos, professores e comunidade escolar, estando inserido, portanto, na interface entre psicologia e educação.

CONTESTANDO A MEDICALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES: DO CONTROLE DO CORPO E DA ROTULAÇÃO DO SER

Área Temática: Fracasso Escolar/Evasão

ALEXANDRA MARI ITO; DEBORA DOMINGUES DOS SANTOS; FERNANDA PEREIRA GONÇALVES; SELENE APARECIDA MOURA SCHIAVO – INSTITUTO DE PESQUISAS E PRÁTICAS EM PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL; DEBORAH ROSÁRIA BARBOSA – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

A idéia de que a educação deveria cuidar também do controle dos movimentos do corpo, e através destes controlar as ações e pensamentos dos alunos, aliada ao conceito de normalidade como parâmetro de classificação e segregação dos que não se encaixavam na curva normal, a medicina, a psicologia e as ciências da saúde, durante muito tempo contribuíram para a manutenção desse controle. Dentro da proposta escolanovista, este pensamento já estava presente e tinha por objetivo viabilizar o projeto de modernização da nação. Esta concepção, ainda nos dias atuais, tem influenciado nos aspectos culturais, políticos e sociais, caminhando para a naturalização dessa classificação pelas sociedades e levando cidadãos comuns a necessitarem de nomes de enfermidades e transtornos, como explicação única para diversos problemas da vida cotidiana, como as que dão origem às queixas escolares. Assim, temos o processo de medicalização da vida escolar, que é a ação de dar uma aparência de problema biológico e centrado no indivíduo a questões de qualquer outra ordem, ficando os indivíduos à mercê desta normalização. Neste curso abordar-se-á este histórico e suas consequências na vida e no cotidiano escolar, passando pela construção dos diagnósticos como o de TDAH e a dislexia.

LIDANDO COM ASPECTOS MOTIVACIONAIS E PROBLEMAS EMOCIONAIS NO ENSINO DA MATEMÁTICA ELEMENTAR

Área Temática: Fracasso Escolar/Evasão

JOÃO DOS SANTOS CARMO- UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

O curso visa proporcionar um panorama acerca das investigações sobre estados emocionais e motivacionais presentes durante o ensino e a aprendizagem da matemática escolar e que podem interferir no desempenho dos alunos. Visa também refletir acerca de modelos tradicionais e modelos alternativos de ensino da matemática escolar e suas implicações e repercussões no desempenho dos alunos, identificar e descrever os problemas e dificuldades mais comumente encontrados no ensino e na aprendizagem da matemática escolar e, por fim, apontar alternativas que possam auxiliar a reverter e prevenir problemas e dificuldades na aprendizagem da matemática. O curso abordará aspectos relacionados às metodologias de ensino da matemática escolar, desde modelos tradicionais que utilizam controle aversivo até propostas mais interativas e facilitadoras da aquisição de conceito e habilidades matemáticas elementares. Serão discutidos os efeitos negativos de metodologias de ensino inadequadas comumente presentes no cotidiano escolar, desde a forma como se lida com "erros" dos alunos até dificuldades e problemas específicos (discalculia e acalculia) e transtornos emocionais como "síndrome da resposta correta", "desamparo aprendido" e "ansiedade à matemática". Os aspectos motivacionais e emocionais serão discutidos também em termos de alternativas metodológicas que podem auxiliar na reversão e prevenção de problemas e dificuldades de aprendizagem da matemática.

INCLUSÃO DE ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NO COTIDIANO ESCOLAR

Área Temática: Necessidades Educacionais Especiais/Inclusão

CRISTINA MARIA CARVALHO DELOU- UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Financiador: UFF

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, estabeleceu no Art. 40, "o dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: [...] III – Atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

na rede regular de ensino e V- Acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo as capacidades de cada um". Em relação ao aluno com altas habilidades/superdotação a Lei é rica em dispositivos e previsões nos níveis da educação básica e ensino superior, além de apresentar um capítulo próprio para a Educação Especial. Este curso tem o objetivo de oferecer informações aos psicólogos escolares e educacionais sobre a identificação e atendimento educacional escolar a alunos que apresentem características de altas habilidades/superdotação, contribuindo para a inclusão de cidadãos menos atingidos por estigmas e preconceitos. Os alunos com altas habilidades/superdotação estão, com certeza, matriculados nas classes comuns, contudo, muitas vezes passam despercebidos. Podem ser excelentes alunos ou apresentar problemas específicos de aprendizagem. Mas não estão integrados aos seus grupos escolares. Integrar prevê a interação e, frequentemente, estes alunos, estão solitários no grupo de colegas e nos pátios dos recreios escolares, pois não têm pares para intercambiar interesses. É nossa responsabilidade contribuir para a diminuição destas distâncias e favorecer que estes alunos encontrem caminhos de se formarem cidadãos de forma mais ética e solidária, menos atingidos por estigmas e preconceitos.

RELAÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA: CONVERSANDO SOBRE A REUNIÃO DE PAIS

Área Temática: Formação do Educador

LUCIANA MARIA CAETANO

Quando se estudam as bibliografias referentes à temática relação escola e família, observa-se que os autores têm um ponto de vista em comum: tal relação é assimétrica e complexa. Os professores relatam que, quando algo não vai bem na família, o resultado é refletido pelo comportamento do aluno na escola, sendo as questões atitudinais o maior foco de problemas. Os pais por sua vez não são especialistas em educação e vivenciam as dificuldades inerentes ao educar, buscando empiricamente as melhores intervenções junto às crianças. Qual o papel da família e qual o papel da escola? Como construir uma parceria baseada em cooperação entre as duas instituições, de modo que, o objetivo comum que as une, ou seja, a educação das crianças seja atingido? Para se responder tais questões esse mini-curso propõe dois momentos: o primeiro prevê uma reflexão a respeito das transformações vivenciadas pela escola e pela família afim de que se possa compreender as respectivas demandas para cada uma das duas instituições nos dias atuais, e o segundo apresenta várias dinâmicas para serem aplicadas nas reuniões de pais, momento no qual realmente acontece o encontro entre a relação escola e família. Assim esse mini-curso propõe portanto, a utilização adequada do momento da reunião de pais como espaço para a tomada de consciência a respeito da grande importância da construção da relação escola e família para o sucesso da aprendizagem e da formação das crianças.

FUNDAMENTOS PARA A INTERVENÇÃO DO PSICÓLOGO FRENTE À INCLUSÃO ESCOLAR

Área Temática: Necessidades Educacionais Especiais/Inclusão

CARLA BIANCHA ANGELUCCI; SOLANGE APARECIDA EMILIO – UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

A realidade educacional brasileira ainda aponta para a presença de grande contingente de pessoas significativamente diferentes que não têm garantido o direito à educação. Assim como a conquista do acesso, a obtenção de resultados relevantes na aprendizagem dos poucos que conseguem chegar aos bancos escolares também é meta distante. Os documentos que fundamentam a política de inclusão apresentam aspectos contraditórios, que acabam por redundar, muitas vezes, em desinformação ou inconsistência no campo das práticas. No concernente à Psicologia em sua interface com a Educação, temos acompanhado uma proliferação de pesquisas e propostas de intervenção que abordam: montagem de "equipes de inclusão", criação de serviços de acompanhamento terapêutico de "alunos incluídos" ou de triagem e diagnóstico de alunos para "aferir" necessidades educacionais especiais. Não afirmamos que não haja condições específicas que precisem ser atendidas para que o direito à Educação se viabilize, mas que isto não se realizará

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

a partir de ações pontuais, que incidam tão somente em um determinado indivíduo ou grupo. Tais fenômenos merecem discussão, posto que apontam para a precária compreensão dos processos de exclusão e inclusão constituintes e constituidores da realidade social, bem como a permanência dos processos de saúde, ainda marcados pela lógica positivista, sobre a estrutura e o funcionamento das propostas educacionais. É preciso cuidarmos para que o brilho das estatísticas que enaltecem as conquistas da política educacional não ofusque a percepção da realidade precária em que se encontram todos os alunos e, portanto, também aqueles que apresentam diferenças significativa. Na perspectiva de contribuir para a proposição de diretrizes de intervenção do psicólogo na Educação, dois eixos serão privilegiadamente discutidos: compreensões subjacentes ao conceito de exclusão ao qual a política pública pretende contrapor-se; efeitos da proposição de programas de triagem, diagnóstico e tratamento como condição necessária e fundamental para a garantia da Educação para Todos.

O ATELIÊ AUTOBIOGRÁFICO COMO POSSIBILIDADE DE FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE PROJETOS PROFISSIONAIS

Área Temática: Formação do Educador

FABIANO FONSECA DA SILVA- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Passamos por um período de desagregação social, onde as estruturas sociais que forneciam suporte para as crises pessoais e profissionais estão em falência. Instituições como família, religião, escola, trabalho não surgem como espaços sociais consistentes que possibilitem a criação de projetos de futuro. Os ateliês biográficos de projeto, proposto por Delory-Momberger, surgem como uma proposta que possibilita, por meio da revisão da história pessoal, articular novos sentidos e atribuir significações inovadoras à trajetória pessoal e profissional. Os ateliês biográficos de projeto registram a história de vida a partir do registro da história passada e presente, possibilitando que dessa experiência surja o futuro e os projetos pessoais e profissionais. Os ateliês são realizados em grupos de até 12 pessoas cuja proposta Delory-Momberger descreve como tendo 6 etapas, sendo essas: Primeira etapa: apresentação e definição dos objetivos. Segunda etapa: negociação do contrato de trabalho. Terceira etapa: produção da primeira narrativa autobiográfica, com aproximadamente duas páginas. Quarta etapa: formação de tríades dos membros dos grupos onde a narrativa será compartilhada e pedido de nova escrita autobiográfica. Quinta etapa: socialização da narrativa com o grupo, escolha do escriba, que ouvirá o discurso da pessoa e o reescreverá em primeira pessoa. Intervenções do grupo são sempre no sentido de esclarecimento da fala. Redação definitiva de sua autobiografia. Sexta etapa: Apresentação de relato final e constituição de projeto. Delory-Momberger afirma que o projeto emerge da narrativa da história de vida, do compartilhar com o grupo e da possibilidade de olhar as próprias experiências de um novo referencial. Pretende-se por meio desse curso oferecer uma visão dos ateliês biográficos de projeto e realização de exercícios que levem a uma melhor compreensão da proposta.

NARRATIVAS INFANTIS EM ABRIGOS

Área Temática: Leitura/Escrita

CELIA VECTORE; CÍNTIA CARVALHO- UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Financiador: FAPEMIG

O curso tem como objetivo apresentar uma proposta de intervenção psicológica junto às crianças abrigadas, por meio da utilização dos contos de fadas. As narrativas, a despeito das especificações diversas (Contos de Fadas, Mitos etc) podem ser inseridas em abrigos e contribuir para a formação de vínculos positivos e promotores de resiliência. A partir de dados coletados pelas autoras, tem-se que as narrativas se constituem em instrumento eficaz para a compreensão do universo da criança abrigada, pois permite o protagonismo de suas vivências, pelo desvio que fazem do esperado da história, direcionando a narrativa para situações da própria vida, rompendo e criando o inusitado. Os achados corroboram com as perspectivas de Steiner e Bruner, se mostrando úteis no desenvolvimento do pensamento e linguagem da criança institucionalizada. O trabalho de contar histórias em abrigos não é uma atividade fácil, sobretudo pela situação de vulnerabilidade das

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

crianças, normalmente adultificadas por suas experiências difíceis. Mesmo assim, é possível a apropriação dos contos de fadas e outras narrativas infantis por psicólogos, mães sociais e outros mediadores, de modo a contribuir para a manifestação de fantasias, criação de imagens, elaboração de conflitos, especialmente se forem narrados em clima de verdade e envolvimento entre todos. O curso terá a duração de quatro horas, com a seguinte ementa: 1. Apontamentos sobre o abrigo e a criança em situação de risco; 2. A importância dos contos de fadas para o desenvolvimento e aprendizagem infantil: perspectivas de Steiner e Bruner; 3. A instrumentalização dos contos de fadas pelo psicólogo.

PROMOÇÃO DA AUTO-REGULAÇÃO EM CRIANÇAS SUB10: MATERIAIS DO PROJECTO SARILHOS DO AMARELO

Área Temática: Prevenção

PEDRO JOSÉ SALES LUÍS FONSECA ROSÁRIO

Enquadrado na perspectiva sociocognitiva este projecto pretende trabalhar desde cedo (crianças dos 5 aos 9 anos) as dimensões implicadas na auto-regulação (e.g., autonomia, responsabilidade, compromisso face à tarefa, reflexão metacognitiva) no sentido de desenvolver estratégias de aprendizagem e processos de auto-regulação que terão impacto no futuro da criança quando aplicados às tarefas escolares e a outras áreas de vida. Esta intervenção visa ensinar e treinar práticas auto-regulatórias em contexto, através de desafios assentes numa estória onde os personagens são confrontados com vários problemas e desafios. A partir da narrativa, uma metodologia tão próxima das crianças do pré-escolar, musculamos as competências do aprender a aprender assentes num racional teórico coeso que confere intencionalidade e estrutura, não só ao nosso Programa como a toda à prática educativa. Todas as competências específicas (e.g., o ensaio das diferentes etapas do processo de resolução de problemas, a antecipação das consequências dos comportamentos adoptados, a promoção de um comportamento mais reflexivo sobre as aprendizagens efectuadas) a desenvolver com este Projecto convergem num objectivo principal que consiste em identificar e aplicar as três fases do processo de auto-regulação da aprendizagem: planificação, execução, avaliação (PLEA) a tarefas concretas. A definição dos objectivos que guiam este Projecto e alguns instrumentos específicos de natureza tecnológica construídos intencionalmente para promover processos cognitivos e de auto-regulação serão apresentados e discutidos neste curso.

AFETIVIDADE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: CONSTRUINDO O SUCESSO ESCOLAR

Área Temática: Formação do Educador

SÉRGIO ANTONIO DA SILVA LEITE – UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

O presente curso tem como objetivos: a) identificar e analisar o papel da afetividade nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelo professor em sala de aula; b) discutir diretrizes para o planejamento e desenvolvimento das práticas pedagógicas visando ampliar as condições de inclusão intra-escolar – o sucesso escolar; c) discutir alternativas deste conhecimento para o trabalho dos psicólogos escolares. A proposta deste mini-curso tem como referência o trabalho de pesquisa desenvolvido há 10 anos pelos membros do Grupo do Afeto, sob a orientação do autor, na Faculdade de Educação da UNICAMP. As bases teóricas estão ancoradas na teoria de desenvolvimento de H. Wallon e na abordagem histórico-cultural de L. S. Vygotsky. Supõe-se que o conhecimento, atualmente disponível, sobre a relação afetividade e práticas pedagógicas pode se constituir como bases teóricas para o planejamento de formas de intervenção dos psicólogos escolares, que enfatizam uma ação educacional e preventiva na escola.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

ENSINANDO A UTILIZAR A TÉCNICA DE CLOZE NA AVALIAÇÃO DA COMPREENSÃO EM LEITURA

Área Temática: Leitura/Escrita

KATYA LUCIANE DE OLIVEIRA

A leitura com compreensão assume grande importância no contexto escolar, pois ela permite a reflexão crítica e criativa acerca dos fatos. A psicologia do processamento da informação tem sido utilizada para se compreender os esquemas mentais envolvidos no momento da leitura, tendo por base duas perspectivas: bottom-up e top-down. A primeira considera o leitor como processando toda palavra e fazendo uma análise intensiva de seu significado. A segunda pondera que o leitor deve ser alguém que possui um bom nível de abstração textual, recorrendo ao entendimento contextual para construir a compreensão. Estudos evidenciam que muitos alunos demonstram dificuldades ao ler e compreender um texto, configurando uma leitura marcada apenas pela decodificação dos símbolos linguísticos. Nessa direção, a técnica de Cloze, criada por Taylor em 1953, vem sendo muito utilizada para mensurar a compreensão em leitura nas diferentes séries escolares. A técnica consiste na omissão sistemática de todos os 5º s vocábulos do texto, no local se coloca um traço de tamanho proporcional a palavra omitida. Tal técnica apresenta diversas possibilidades de aplicação e pontuação e pode se reverter em uma ferramenta preciosa de diagnóstico ou como um meio para o desenvolvimento da leitura com compreensão.

AVALIAÇÃO COGNITIVA DE CRIANÇAS E RELAÇÕES COM A APRENDIZAGEM

Área Temática: Avaliação e Medidas no Contexto Escolar

SEBASTIAN URQUIJO

O curso apresenta técnicas e tarefas para avaliação cognitiva e neuropsicológica de crianças com idades entre 5 e 16 anos. Explicam-se tarefas simples de avaliação, contidas numa bateria, para obter informação de memória, atenção, funções executivas, cálculo, escrita, leitura, compreensão. Propõe relações do funcionamento cognitivo com a aprendizagem, especificamente da alfabetização. Explica a utilidade do instrumento no contexto escolar.

MODELOS DE AVALIAÇÃO DO TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: APLICAÇÕES NOS ÂMBITOS CLÍNICO E ESCOLAR

Área Temática: Avaliação e Medidas no Contexto Escolar

CAROLINE TOZZI REPPOLD

A manifestação clínica do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é caracterizada por uma tríade de marcadores relacionados à desatenção, hiperatividade e impulsividade. Esses indicadores, em geral, iniciam precocemente e trazem importantes prejuízos sociais e emocionais aos indivíduos, os quais tendem a ser agravar ao longo do desenvolvimento em razão das situações de rejeição e exclusão social às quais o indivíduo se expõe e das comorbidades que implicam. Assim sendo, a identificação precoce desses marcadores permite o planejamento de intervenções terapêuticas que auxiliem o sujeito a enfrentar de modo mais assertivo as dificuldades decorrentes do transtorno. No entanto, atualmente o TDAH é um diagnóstico superrepresentado em amostras clínicas devido a peculiaridades da investigação desse construto, como por exemplo, a proximidade dos sintomas típicos desse quadro com os critérios diagnósticos de outros transtornos relacionados a condutas anti-sociais e a ineficácia de determinadas práticas disciplinares aplicadas às crianças em situação familiar ou escolar. Assim, a fim de apresentar um modelo de avaliação de indicadores de TDAH, o curso objetiva discutir achados atuais da literatura científica sobre diretrizes diagnósticas desse transtorno, diagnósticos diferenciais, características da evolução do quadro de TDAH e o uso de técnicas psicológicas para avaliação desses marcadores.

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

ESTÁGIOS E SUPERVISÃO EM PSICOLOGIA ESCOLAR: FUNDAMENTAÇÃO, EXPERIÊNCIAS, ERROS E CRIAÇÕES

Área Temática: Formação do Psicólogo Escolar/Educacional

ADRIANA MARCONDES MACHADO – UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O trabalho nas escolas visa intervir em um processo de produção para alterar um campo de forças (saberes/poderes). Essa atitude exige clareza nos objetivos, exige bastidores, estratégias, avaliações. É uma ação política que se dá nos encontros, na experimentação. Não vamos mostrar nada ao professor, não vamos convencer o professor de nada, vamos fazer aparecer forças que se encontram submetidas a forças hegemônicas com o objetivo de produzir essa alteração do campo. Como? Afetando o campo problemático de maneira que as questões possam ser entendidas, percebidas, sentidas, como efeito desse campo. O conceito de produção de subjetividade para autores como Foucault e Deleuze, abre a possibilidade de pensarmos em intervir nos próprios modos de subjetivação. Nesse sentido, o processo de produção de subjetivação, e não o sujeito, passa a ser nosso foco no trabalho. E, ao falarmos em subjetivação, iremos problematizar também os efeitos de interpretação, julgamento e ressentimento que tem dominado algumas práticas psicológicas frente à educação. Apresentaremos essa discussão através das experiências de estágio e supervisão.

ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇOS LÚDICOS, FUNÇÃO E PERFIL DO LUDOEDUCADOR

Área Temática: Formação do Educador

ROSELI APARECIDA MONACO

A criança, atualmente, perdeu espaços de brincar pela violência das cidades, falta de tempo e de espaços. O brincar é essencial para a saúde da criança, pois aumenta a sociabilidade com os pares, libera tensões, ajuda no desenvolvimento cognitivo, colabora na exploração e curiosidade. A criança ainda na brincadeira, pode representar papéis que assumirá no futuro. De acordo com teóricos do desenvolvimento (Piaget e Vygotsky) por meio da brincadeira tem a oportunidade de praticar suas competências e habilidades de uma forma relaxada e prazerosa e ajuda a exercitar as estruturas cognitivas. Salientam que todo o comportamento da criança pode ser estudado por meio de suas brincadeiras e da seriedade dos adultos que os assistem. Assim, pode-se ajudar na resolução de problemas afetivo, sociais e de aprendizagem. Para os psicanalistas o brincar é uma excelente forma de elaboração de ansiedades e conflitos, bem como proporciona a criança: lidar com problemas da vida cotidiana, trabalhar sua energia física e aliviar tensões, trabalhar com frustrações, expressar sentimentos verdadeiros em situação de terapia, meio de aliviar experiências dolorosas, criar fantasias para atender as necessidades não satisfeitas ou cuja expressão foi reprimida. A Brincadeira: favorece as potencialidades da criança, proporcionar jogos desenvolve autonomia e senso de responsabilidade, desenvolve a inteligência, a criatividade e sociabilidade, incentiva a valorização do brinquedo como atividade geradora do desenvolvimento intelectual, social e emocional; enriquece o relacionamento entre as crianças e suas famílias; propicia à criança entrar no mundo da fantasia; envolve pais e comunidade, orientando-os sobre brinquedos e brincadeiras, ensina a criança formas lúdicas; oferece informações sobre diferentes formas de utilização dos brinquedos, contribuindo para a ampliação do referencial infantil. Perfil do ludoeducador: ter sensibilidade, bom humor e competência, gostar de brincar e saber brincar.

PSICOLOGIA ESCOLAR E A EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS

Área Temática: Educação e Direitos Humanos

REGINA LUCIA SUCUPIRA PEDROZA – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

A Psicologia Escolar vem se constituindo como campo de conhecimento e atuação que envolve muitas discussões a partir do crescimento das demandas nas diferentes instituições sociais. O profissional de psicologia precisa constantemente refletir sobre seu modo de atuação, buscar novas perspectivas para sua intervenção e questionar o conhecimento psicológico e seus instrumentos tradicionais, adaptando-os aos novos contextos e necessidades que surgem ao longo da história. Reconhecendo-se a importância da psicologia no contexto escolar, junto aos alunos, às suas famílias e aos professores, entendemos que a atuação do psicólogo está diretamente voltada para o

IX CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL ABRAPEE

Construindo a Prática Profissional na Educação para Todos
6 a 8 de julho de 2009
Universidade Presbiteriana Mackenzie - São Paulo - SP



ISSN-1981-2566

desenvolvimento do ser humano como sujeitos de direitos. Desse modo, é preciso uma atuação direcionada para o desenvolvimento de um direito universal e inalienável como parte integral dos direitos humanos fundamentais. Junto aos professores, o psicólogo escolar deve encorajá-los a desenvolver cada vez mais um papel ativo no processo educacional, visando uma prática pedagógica inspirada pelos valores e princípios dos direitos humanos vistos como uma invenção humana, em constante processo de construção e reconstrução. Para tal, o mini curso tem como objetivo refletir sobre o papel do psicólogo escolar na formação pessoal do professor enquanto sujeitos sociais da construção da proposta de educação para os direitos humanos.